

# AS CIDADES GLOBAIS. ARQUITECTURA, ARTE E IMAGEM EM CONTEXTOS URBANOS DIFUSOS

por

**Fernando Matos Rodrigues\***

**Resumo:** Em contextos pós-contemporâneos a cidade sofre um processo de exclusão estrutural da memória, dando origem a um fenómeno de relativa e ecelerada perda de estrutura urbana e de contextos sócio-topológicos e eco-topológicos. A cidade, a arquitectura e a arte transformam-se num *medium* ou *media* ao serviço de um espaço globalizado de traço difuso em função da tecnologia da imagem digitalizada e virtual.

**Palavras-chave:** Espaço difuso; globalizado; digitalizado.

**Abstract:** In contemporary contexts, the city is going through a process of structural exclusion of memory, causing relative and accelerated loss of urban structure and of socio-topological and eco-topological contexts. City, architecture and art are transformed into medium or media at the service of a diffuse globalized space, a function of the technology of the digitalized, virtual image.

**Key-words:** Diffuse space; globalized; digitalized.

Ao falarmos sobre os modos e formas de vida na sociedade pós-contemporânea, fica-nos como primeira impressão de que esta se encontra essencialmente dominada pelo consumo e pelo espectáculo incessante. Tudo aquilo que acontece processa-se obrigatoriamente na ditadura do efémero e do banal, marcado pela experiência da dessacralização espacial e temporal da sociedade. O espaço urbano ultrapassa os limites próprios de um lugar concreto, estabelecendo relações de ambiguidade e de complexidade social na relação entre as novas escalas de habitar o espaço pós-contemporâneo, configuradas em função da nova relação entre o local e o global, consequência da utilização de novas tecnologias de comunicação (Paul Hirst & Grahame Thompson, 1998). O mundo aparece-nos como *“lugar único”*, estabelecendo uma relação entre *“aquilo que se pode chamar transnacionalização e consciência global”* (Waters, 1999:

---

\* Antropólogo. Professor de Antropologia do Espaço no Curso Superior de Arquitectura da ESAP.

37 e ss.), onde a globalização aparece como referência à “*compressão do mundo*”, bem como à intensificação da percepção do “*mundo como um todo*”<sup>1</sup>. Alain Touraine, perante os constrangimentos sociais, culturais e políticos típicos desta sociedade pós-industrial, dominada por uma lógica de “pensamento único”, ao serviço de um capitalismo global selvagem, defende a necessidade urgente de se reactivar e valorizar o espaço público, como espaço de igualdade e de solidariedade de forma a reconhecer nos conflitos sociais uma vontade expressa de integração social e cultural (Touraine, 1999: 10 e ss.). Mas, qual deve ser a natureza deste espaço público, numa sociedade global? Poderemos, considerar, o espaço virtual uma nova forma de espaço público? Que relação existe entre consciência global e interacção local? Estamos perante a afirmação do espaço público como fenómeno global? O espaço público tradicional centrado em função da praça, da rua, do jardim, não estará a sofrer um fenómeno de compressão espaço-temporal, em consequência do “mundo virtual e electrónico”?

Segundo Giddens toda a vida social é constituída por – “*intersecções de presença e ausência no “escoamento” do tempo e na “transformação gradual” do espaço*”, onde a contextualidade da vida social e das instituições sociais se apresentam como estruturas fundamentais para o desenrolar de toda a interacção social entre o eu e o outro, entre o individual e o colectivo. Deste modo, a integração social processa-se em contextos sociais que tenham como espaço base os contextos de co-presença. Para este autor, as “*interacções de indivíduos movendo-se no tempo-espaço compõem “feixes” (encontros ou ocasiões sociais, na terminologia de Goffman) que se reúnem em estações ou localizações espaço-temporais definidas, dentro de regiões circunscritas (por exemplo: casas, ruas, cidades, estados, sendo o limite externo do espaço terrestre a Terra como um todo – excepto para o esporádico viajante espacial na era actual de alta tecnologia*” (Giddens, 1989: 91 e ss.). A partir da teoria da estruturação do espaço social de Giddens é possível refletir sobre a natureza do espaço social no contexto de uma pós-modernidade globalizante, a qual estabelece uma relação de múltiplas cumplidades e de complexidades entre a esfera do local e do global. Segundo este autor, a constituição de locais depende da existência formal de um corpo, de meios de comunicação e da relação que se estabelece com as propriedades do mundo circundante. Deste modo, o conceito de local aparece-nos associado a um outro conceito, o de acessibilidade de presença que possibilita uma maior integração social e uma maior integração sistémica. Os locais referem-se deste modo, ao uso do espaço, que fixam

---

<sup>1</sup> Este fenómeno do “*mundo como lugar único*” aparece-nos representado como metáfora, nas fachadas arquitectónicas de miniatura no Schopping Via Catarina, cidade do Porto. As suas fachadas fazem o apelo a uma memória histórica, singular e única, historicamente localizada em contextos sociais e culturais próprios, específicos de uma cidade portuguesa. As imagens sedutoras da garrafa da coca-cola, emblema de uma cultura de massas, típica de uma sociedade ocidentalizada, hedonista e sedutora representativa de um capitalismo internacional e global, estabelecem uma relação entre o local e o global.

as instituições a um território, fornecendo de certo modo um conjunto de cenários da interacção essenciais para a definição de contextualidades singulares. Esta problemática insere-se na relação – tempo – espaço – sociedade; classificando esta matéria de grande importância para se compreender a teoria da estruturação, o autor declara por exemplo que “...o tempo é um recurso escasso para o actor individual”, pelo simples facto de que “...a capacidade limitada dos seres humanos de participar em mais de uma tarefa simultaneamente, conjugada ao facto de que toda a tarefa possui uma duração... o facto de que o movimento no espaço é também movimento no tempo... dois corpos humanos nunca podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo”. (Giddens, 1989: 89-90).

Assiste-se, a uma des-temporalização e des-localização da vida urbana provocando nos actores sociais uma perda de noção material das condições reais de espaço e de tempo, criando desta forma um efeito de estilhaço nas identidades individuais dos grupos sociais mais vulneráveis, acentuando de forma preocupante situações de grande exclusão urbana. O espaço não é um recipiente neutro, e a cidade ainda menos. A construção do espaço tem sido tarefa de homens que de forma utópica projectam formas e planificam redes que se estruturam em processos históricos mais ou menos longos em termos de vida material e cultural das cidades. Este processo estruturava-se inicialmente em função das dicotomias agressivas da diferença e da identidade, actualmente processa-se em função das dicotomias evasivas da globalidade e da uniformidade. A cidade moderna e pós-moderna transforma-se num espaço multidimensional concebido para albergar distintas sequências de lugar e tempo. É essencialmente um espaço indiferente ao tempo, ao sexo e ao lugar, verdadeiro paradigma do fluído telecomunicacional, híbrido de complexidades justapostas e de falta de referências reais (Borja; Castells, 1997). Aqui, a indiferença é a forma mais subtil de discriminação e a negação da diferença a forma mais brutal de opressão. O espaço da cidade global transforma-se rapidamente em “nowhere man”, na sua relação com uma “nowhere land”, do espaço holístico de redes de auto-estradas de informação globalizantes e globalizadoras. Esta tecnologia leva-nos para o campo da telepólis –, uma espécie de cidade à distância com características próprias de uma não-cidade. Estamos perante um espaço excessivamente privatizado, nominal e fechado. Em oposição a um espaço global próprio de uma terra de ninguém (“no man’s land”, onde se pode imaginar o homem sem tempo, que precede ao homem sem espaço. A cidade de nenhures domina todas as outras cidades e constituiu uma nova componente de reordenação aleatória do espaço.

Teresa del Valle na sua obra “Andamios para una nueva ciudad” caracteriza a cidade nos seguintes termos: em primeiro lugar a cidade é um espaço onde existe uma variedade de gente, com interesses e aspirações distintas; segundo, não é exclusivamente um lugar para habitar, viver e morrer; e por último defende que a cidade é

principalmente o lugar do quotidiano onde se vive o dia a dia em relação ao trabalho, ao ócio, à violência, ao sexo, às relações sociais, e ao amor (del Valle, 1997: 15 e ss.).

Numa perspectiva semiológica Abraham Moles ao reflectir sobre o Kitsch nas sociedades pós-industriais, declara que a cidade é criada para aumentar as trocas socio-métricas funcionais. Este autor enfatiza a dimensão artificial do ambiente urbano, a partir da concepção de que o homem se habituou a “pensar as categorias do ambiente como derivadas tanto da Natureza como da existência do Outro” (Moles, 1986: 12 e ss.).

A descoberta e a manipulação dos modernos *mass media*, empurrou as sociedades ocidentalizadas para uma ditadura hedonista da imagem, da manipulação excessiva da informação, do videoclip, do som frenético da electrónica, do jogo virtual, que não é mais do que uma prótese perversa do lúdico e da interacção social, próprias de uma massa social que vive entre o tédio individual e o descentramento colectivo. Estamos perante o aparecimento de uma cultura pós-moderna, que Fredric Jameson classifica em três pontos essenciais: o iº) preconiza que a cultura pós-moderna se transformou num produto por direito, o iiº) que o mercado se converteu num substituto de si mesmo e num produto do mercado como outro qualquer, o iiiº) e último declara que é o consumo da pura mercantilização como processo. Este fenómeno cultural materializa-se de forma complexa na Casa de Frank Gehry em Santa Mónica, em Califórnia, que é sem duvida um dos primeiros edifícios emblemáticos do período pós-moderno, determinado pelo seu contexto visual, e pela relação que estabelece com a fotografia contemporânea e a própria arte da instalação, em suma estamos perante a totalidade da representação (Fredric Jameson, 1998: 85 e ss.). Jesús Martín Barbero considera que a cidade não é mais um “espaço ocupado” ou construído, mas é essencialmente um “espaço comunicacional”, que estabelece a ligação entre os seus diversos territórios e os liga ao mundo. Afirmando que existe uma estreita relação entre a expansão da cidade e o crescimento/densificação dos meios e das redes electrónicas, logo as novas condições de vida na cidade exigem a reinvenção de novos laços sociais e culturais, onde sem duvida nenhuma as redes audiovisuais as podem possibilitar e mesmo aprofundar, a partir da sua própria lógica, possibilitando uma nova organização dos espaços e dos intercâmbios urbanos. Considera também que pelo facto de vivermos numa cidade disseminada, difusa, fragmentada e como tal incompreensível, “sólo el medio posibilita una experiencia-simulacro de la ciudad global: es en la televisión donde la cámara del helicóptero nos permite acceder a una imagen de la densidad del tráfico en las avenidas o de la vastedad y desolación de los barrios de invasión, es en la televisión o en la radio donde cotidianamente *conectamos* con lo que en la ciudad *“en que vivimos”* sucede y nos implica por más lejos que de ello estemos: de la masacre del Palacio de Justicia al contagio de sida en el banco de sangre de una clínica, del accidente de tráfico que tapona la vía por la que debemos llegar a nuestro trabajo, a los avatares de la política que hacen caer los valores en la bolsa” (Martín

Barbero, 1998: 61 e ss.). Nesta cidade de fluxos comunicativos, os processos são mais importantes do que as coisas, a velocidade da informação ou da decisão via telefone celular ou fax a partir de um computador pessoal, a facilidade e rapidez dos pagamentos e levantamentos de dinheiro por cartões, produz uma aliança entre velocidades audiovisuais e informações, entre inovação tecnológica e hábitos de consumo (García Canclini, 1991: 49 e ss.)<sup>2</sup>.

A cidade como *urb* ou *res civitas* transformou-se gradualmente na Europa, e rapidamente no continente Americano e Asiático em metamorfose da esfera publica neste capitalismo avançado e globalizado. Os espaços públicos integram-se em contextos e compromissos de acordo com a homogeneização capitalista desde as fases taylorista e fordista até à nova ordem soft do capitalismo global. A participação dos actores sociais cedeu lugar à teleparticipação e ao espectador passivo, electrónico, prisioneiro do sofá e da ideologia do conforto, ao serviço de uma sociedade virtual e deslocalizada das suas funções sociais. Onde os jogos a dinheiro, os jogos eróticos, e as paisagens electrónicas dominam e ditam as regras numa sociedade virtual de espaço electrónico. Sobre a problemática do processo de mediatização e informatização do espaço social, dirá Virilio que graças ao material imperceptível do tubo catódico, as dimensões do espaço tornam-se inseparáveis da sua velocidade de transmissão. Unidade de lugar sem unidade de tempo, a cidade desaparece na heterogeneidade do regime da temporalidade das tecnologias avançadas (Paul Virilio, 1984: 9-22). A cidade estaria desta forma a sofrer um processo de desurbanização progressiva, – o que nos levaria a falar de pós-arquitectura, pós-urbanismo ou pós-urbanidade para designar essa nova fase, – pela perda da unidade espacio-temporal em nome de um tempo-espaco sintético e virtual. Em contextos dominados pelo glamour da imagem e das sedutoras paisagens virtuais ou electrónicas, o famoso arquitecto japonês Toyo Ito, no seu livro *Escritos*, reflete sobre a problemática da “paisagem arquitectónica de uma cidade envolvida por uma película de plástico transparente”, alertando para o facto de que só poderemos contemplar uma cidade, ou uma parte dela, se nos encontrarmos fora

---

<sup>2</sup> Cfr. Nicholas Abercrombie (1996) *Television and Society*. Cambridge, Polity Press. O autor no capítulo 4: “The Television Industry”, (pp.74-108) ao analisar o fenómeno sobre a problemática “Global Television”, considera que é lugar comum no debate contemporâneo, entender que a vida das pessoas se esta a tornar cada vez mais global, e consequentemente mais afectada por fenómenos que acontecem a grandes distancias. Demonstrando a sua importância para a formação e estruturação de uma consciência global. O autor considera que “The media have played a major role in this process of globalization”: realça o papel da televisão como motor da globalização, declarando que “Of all the media forms, it is television that contributes most to a sense of globalization”; bem como a sua importância na afirmação de uma consciência cívica global, e na construção de uma audiência global atenta aos problemas globais que são também locais. Para este autor “for instance, the television coverage of the demonstrations in Tiananmen Square may have prolonged the demonstrations, constrained the behaviour of the Chinese authorities, and, via international opinion, significantly affected the attitudes of governments throughout the world to the Chinese regime”.

dela. Dando o exemplo da Baía de Tokio, contemplada por si a partir de um barco. Permitindo-lhe olhar a realidade com uma certa emoção, mas também com algum realismo analítico, quando diz que a partir daqui “se puede entrever el terrible aspecto de esta metrópoli, cosa que no puede hacerse cuando uno se encuentra dentro de ella: un número inconmensurable de contenedores que circulan de forma automática sobre cintas transportadoras, montañas de basura que se acumulan desmesuradamente, el mar sucio y diversos barcos de transporte de diferentes tipos que van por él. Todo ello te hace pensar más bien en el patio trasero de una enorme ciudad que en la parte de la ciudad que mira al mar” (Toyo Ito, 2000: 113). De tal forma que considera que “los que vivimos em el interior de la metrópoli experimentamos todos los días sólo los espacios falsos, con glamour; sin embargo, al venir aquí, se ve la enorme energía y los artificios y espacios reales que sostienen la ficción, como si estuviéramos viendo, desde detrás, el escenario” (2000: 113 e ss.).

Segundo, David Harvey e alguns teóricos regulacionistas, estaríamos a viver uma “compressão do espaço-tempo”, resultante de uma nova fase do capitalismo, de aceleração do tempo das trocas comerciais, daí a sua instantaneidade e descontinuidade, ou seja, o carácter efémero da cidade flexível e fragmentária. Aliás, a este carácter volátil e soft da cidade actual, corresponderia uma economia pós-fordista, de acumulação também flexível, a do capitalismo desorganizado e globalizado. Neste sentido, Georges Teyssot proclama que a imagem da cidade aparece-nos como uma “metrópole posta em representação”, como uma “mise en scène” de irracionalidades proliferantes –, arquetipo da des-territorialização, da des-simbolização, da errância e do delírio esquizóide.

O “caos” transforma-se num conceito chave onde os objectos aleatórios da paisagem prenunciam a cidade electrónica, onde a circulação de imagens, com a leveza da forma-mercadoria, abandonam de vez qualquer ligação com o mundo concreto da produção, estamos perante a proliferação de signos auto-referentes, o tão decantado mundo do simulacro. Assiste-se, a uma mudança, para muitos radical na experiência do espaço público e doméstico –, onde a velocidade dos meios de locomoção e os recursos electrónicos alteraram os modos de percepção espacio-temporal, e produziram transformações no limite da própria inserção do indivíduo na realidade da vida pública e doméstica.

O espaço urbano entendido como lugar de memória e de tempo, carregado de sentidos simbólicos, como algo capaz de propiciar o reencontro com acontecimentos colectivos memoriais, e por si, causa próxima de modo a reactivar uma sociabilidade perdida, diluiu-se ao longo destes dois séculos de modernização das cidades temáticas e zonificadas, monofuncionais e hiper-especializadas. No interior deste movimento urbano pós-contemporâneo, assiste-se também à valorização de um urbanismo de miniatura, anárquico, próprio da cidade caótica, plural e fragmentária.

Estaremos perante a substituição da ideologia do plano do Movimento Moderno por uma outra, que se pode classificar de forma grosseira de ideologia da diversidade,

das “identidades locais”, em que os conflitos são escamoteados por uma espécie de estetização do heterógeno, encoberto pela transformação da superfície desencantada (segundo a ideia que Max Weber dava a esta dimensão chave do mundo) das nossas cidades em cenários comandados pela lógica do *fascinium*, ao serviço do deslumbramento, imanados por uma sociabilidade que há muito tempo deixou de existir em virtude justamente desse traço desertificante da modernização. O lugar urbano foi aos poucos convertendo-se no seu oposto, o “não-lugar” dos espaços virtuais de uma vida publica definitivamente transformada num repertório de representações simbólicas. Toyo Ito ao falar sobre a cidade de Tokio declara com estupefação e apreensão de que estamos a viver aqui o nascimento de um espaço totalmente novo, como nunca tínhamos experimentado. É o aparecimento de grupos de edifícios construídos em terreno homogéneo e totalmente vazio, sem nenhuma relação com o seu *genius loci*. Estamos perante o confronto de duas concepções de cidade e de vida na cidade; por um lado, a cidade que se organiza em função de uma “jerarquia espacial”, que corresponde mais ou menos, à organização social ordenada em função dos indivíduos, – da família, – da comunidade local, – e do Estado. Trata-se de uma cidade que possui um sistema de redes que se vão expandindo em círculos concêntricos e que dispõem de uma ordem estática e estável. A partir da década de 80 aparece a cidade como fenómeno, isto é, a cidade como informação e também a cidade virtual como acontecimento. Esta cidade não possui a mesma ordem de tempo e de espaço estável como acontece na cidade como objecto material, trata-se de uma cidade sem jerarquias, sofrendo consecutivas expansões topológicas em termos de espaço e tempo (Toyo Ito, 2000: 116-117).

Contrariamente, Robert Venturi propunha uma arquitectura da comunicação e não uma arquitectura do espaço. Criticando desta maneira a obsessão dos seus colegas pela adopção de soluções urbanísticas tradicionais, como as praças com os seus *genius loci*, defendendo a generalização do modelo das ruas comerciais cheias de anúncios luminosos, bem como a valorização de uma arquitectura impura, simbólica, de comunicação vigorosa e imediata que recorre-se a símbolos e sinalizações de fácil descodificação. Ao contrário da arquitectura moderna expressiva pela forma, ele já assumia de modo muito explícito a transformação da arquitectura em Arte de Massas, como uma forma-mercadoria na sua dimensão apoteótica de forma-publicitária. Mas, é com a chamada 3ª Geração Moderna, na qual se destacam alguns arquitectos portugueses, do Porto, Fernando Távora, Siza Vieira, Eduardo Souto Moura, João Carreira, que (se) rejeita(m) o formalismo e o maneirismo do estilo internacional e, reclamam olhar novamente em direcção aos monumentos, à história, à realidade e ao tempo, estabelecem um olhar hermenéutico para com a arquitectura vernacular e as formas urbanas tradicionais. Josep Maria Montaner considera que as formas contidas e minimalistas de grande parte da obra de Tadao Ando, Eduardo Souto Moura, Jacques Herzog/Pierre de Meuron, Francesco Venezia, Antonio Monestiroli ou Paulo Mendes da Rocha apre-

sentam como valor máximo sua materialidade e extrema unidade, a renúncia ao secundário para outorgar maior intensidade às ideias básicas, à presença e textura das geometrias simples, em uma arquitectura de grande qualidade, produzida somente em circunstâncias muito específicas (2001: 152-3); por outro lado, considera ainda o autor que as propostas urbanas de Rem Koolhaas ou Toyo Ito também recorrem às transparências, superposição de imagens e densidade de referências que os meios de expressão mediáticos mais vanguardistas geraram (Montaner, 2001: 153).

Estamos perante uma nova versão da vida e do viver urbano, caracterizada por um retorno do indivíduo para o interior da “vida doméstica”, diante da sua televisão, único meio de contacto com o mundo externo, acrescido evidentemente do automóvel –, uma espécie de capsula sobre rodas dirigida por um computador, enquanto a paisagem à volta se parece desenrolar como as imagens num monitor de T.V.; de um lado a casa e do outro as strip das ruas de comércio às grandes auto-estradas onde a velocidade se cruza com os seus out-doors e placas ou símbolos indicativos em geral de lugares e produtos de consumo. Entre o micro-espço da sala e o hiper-espço das grandes auto-estradas, a diferença seria apenas de escala, pois em ambos os casos não se trataria exactamente de lugares de estar, mas de lugares de circular. A aceleração do tempo na sociedade pós-contemporânea, levou David Harvey a considerar que vivemos num tempo e num espaço comprimidos, dominados pela alta tecnologia, que fabricou o triunfo do “efeito sobre a causa, da instantaneidade sobre a profundidade do tempo, o triunfo da superfície e da pura objectivação sobre a profundidade do desejo” (Harvey, 1999: 263).

A cidade ocidental apresenta-se também em função de dois polos muito fortes: o da reprodução e o da produção. O primeiro tem como eixo simbólico o espaço doméstico, o segundo abarcaria todo o resto – onde é costume encontrar-se os lugares de maior visibilidade, de reconhecimento e prestígio. Vincular a cidade com a arte é preenche-la de formas, de cores, de texturas que a enriquecem. Na realidade arte e cidade complementam-se e a arte deve estar tão incorporada como está por exemplo o mobiliário urbano: candeeiros, bancos, papeleiras. Mas, não deve ser entendida como algo adicional ou complementar, mas enquanto símbolos, signos de um pensamento sensorial que está presente na percepção de toda a cidade, enquanto comunidade de experienciação histórica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERCROMBIE, NICHOLAS (1996). *Television and Society*. Cambridge, Polity Press.
- BORJA, JORDI; CASTELLS, MANUEL (1997). *Local y Global*. La gestion de las cidades en la Era de la Information. Madrid, Taurus.
- BOYER, M. CHRISTINE (1995). *Cybercities. Visual perception in the age of electronic communication*.



- New York, Princeton Architectural Press.
- COLOMINA, BEATRIZ (1996). *Privacy and Publicity. Modern Architecture as Mass Media*. Massachusetts, The MIT Press.
- DEL VALLE, TERESA (1997). *Andamios para una nueva ciudad. Lecturas desde la antropología*. Madrid, Ediciones Cátedra.
- DORFLES, GILLO (1975). *Del significado a las opciones*. Editorial Lumen.
- ELLIOTT, ANTHONY (1996). *Subject to ourselves. Social Theory, Psychoanalysis and Postmodernity*. Cambridge, Polity Press.
- GIDDENS, ANTHONY (1989). *A Constituição da Sociedade*. S. Paulo, Martins Fontes.
- GOTTDIENER, MARK (1995). *Postmodern Semiotics. Material Culture and the Forms of Postmodern Life*. Oxford, Blakwell.
- JAMESON, FREDRIC (1998). *Teoría de la Postmodernidad*. Madrid, Editorial Trotta.
- HAYDEN, DOLORES (1995). *Urban Landscapes as Public History*. Massachusetts, The MIT Press.
- HARVEY, DAVID (1999). *Condição Pós-Moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. S. Paulo, Edições Loyola.
- HARRIS, MARVIN (1996). *La cultura norteamericana contemporânea. Una visión antropológica*. Madrid, Alianza Editorial.
- HINTERHÄUSER, HANS (1998). *Fin de Siglo. Figuras y mitos*. Madrid, Taurus.
- HIRST, PAUL; THOMPSON, GRAHAME (1998). *The International Economy and The Possibilities Of Governance*. Cambridge, Polity Press.
- MONTANER, JOSEP MARIA (1997). *A modernidade superada. Arquitectura, arte e pensamento do século XX*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili.
- NOGUEIRA, LUIS CASTRO (1997). *La risa del espacio. El imaginario espacio-temporal en la cultura contemporânea: una reflexión sociológica*. Madrid, Ed. Tecnos.
- VENTURI, ROBERT; et al. (1998). *Aprendiendo de las Vegas. El simbolismo olvidado de la forma arquitectónica*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili.
- PESANHA, MATILDE (2003). *Siza. Lugares Sagrados – Monumentos*. Porto, Editora Campo das Letras.
- PRETECELLE, EDMOND (1995). "Division sociale de l'espace et Globalisation"(pp. 15-32), in *Sociétés Contemporaines*, n° 22/23, Paris, L'Harmattan.
- TOURAINÉ, ALAIN (1999). *Como salir del liberalismo*. Barcelona, Paidós.
- TRÍAS, EUGENIO (1983). *El artista y la ciudad*. Barcelona, Editorial Anagrama.
- RODRIGUES, FERNANDO MATOS (2000). "A cidade dos Excluídos", in *Cubo*. Porto, Centro Editorial das CESAP.
- ROGERS, RICHARD (2000). *Ciudades para un pequeño planeta*. Barcelona, editorial Gustavo Gili.
- SANSOT, PIERRE (1994). *Poétique de la Ville*. Paris, Méridiens Klincksieck.
- SENNETT, RICHARD (1990). *La conciencia del Ojo*. Barcelona, Versal travesías.
- SUBIRATS, EDUARDO (1998). *La cultura como espectáculo*. Madrid, Fondo de Cultura Economica.
- ZUKIN, SHARON (1995). *The Cultures of Cities*. Oxford, Blackwell Publishers.
- WATERS, MALCOLM (1999). *Globalização*. Oeiras, Celta editora.
- WATSON, SOPHIE; GIBSON, KATHERINE (1995). *Postmodern Cities et Spaces*. Oxford, Blackwell.
- KINGWELL, MARK (2000). *Sueños de Milenio. Informe sobre los límites de una cultura*. Barcelona, Flor del Viento Ediciones.
- YOUNÈS, CHRIS (1999). *Ville contre-nature. Philosophie et architecture*. Paris, Éditions la Découverte.

